

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

**GEOCORRENTE**

ISSN 2446-7014



**Os desafios atuais da dissuasão nuclear britânica**

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 207 • 19 de Setembro de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Submarino HMS "Ambush", da Marinha Real britânica](#)

Por: Defence Imagery

Fonte: Flickr

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Vice-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

### COORDENAÇÃO DE PESQUISA

José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

### TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



# BOLETIM GEOCORRENTE 10 ANOS



**VICE-ALMIRANTE  
GUSTAVO CALERO GARRIGA PIRES**  
Diretor da Escola de Guerra Naval

Com seus amarelos polidos, seus cabos aduchados e sua tripulação formada no convés, a Escola de Guerra Naval (EGN) se engalana para comemorar os 10 anos do Boletim Geocorrente. Ao chegar a números superlativos nessa jornada, com mais de duas centenas de edições, o Boletim Geocorrente se consolida como fonte fidedigna e atual, mercê de seu moderno formato e de sua ágil leitura.

Um dos produtos acadêmicos de maior alcance da EGN, o Boletim foi forjado a partir do descortino de antigos Chefes Navais que, na indispensável tarefa de desenvolver o estudo da geopolítica e da oceanopolítica, vislumbraram na parceria civil-militar uma derrota adequada ao atingimento deste propósito.

A partir de então, coube ao Capitão de Mar e Guerra LEONARDO MATTOS capitanear este esforço. Com habilidade, comprometimento e, acima de tudo, competência acadêmica, soube, desde os primórdios, montar e liderar uma equipe brilhante, multidisciplinar e de origem a mais diversa possível, em prol desse intento. Contudo, não haveria Boletim, tampouco a produção de conhecimento nessas duas já citadas áreas, não fosse pela participação denodada dos pesquisadores e pesquisadoras que compõem o Núcleo da Avaliação da Conjuntura (NAC), organização acadêmica responsável pelo planejamento e elaboração do Boletim. E é neste ponto que reside a beleza de todo esse processo.

Ao congrega a colaboração de jovens entusiastas de diferentes formações acadêmicas e de distintas entidades de ensino, o Boletim tem na sua diversidade de visões seu ponto forte, sempre apresentadas com rigor acadêmico e almejando trazer aos nossos leitores e leitoras perspectivas atualizadas das principais questões da conjuntura global.

Aos integrantes do NAC, meu BRAVO ZULU pelo trabalho sempre muito bem feito! Aos nossos leitores, constantes incentivadores e responsáveis finais pela avaliação deste trabalho de escol, deixo registrados meus sinceros agradecimentos.

Uma vez mais, a todos, uma boa leitura!

“LEMBRAI-VOS DA GUERRA”

## PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTUTRA



A imagem acima é um retrato de alguns dos pesquisadores do Boletim Geocorrente, presentes em cerimônia de comemoração em homenagem aos 10 anos completados. Na imagem, também, estão presentes membros do Conselho Editorial do Boletim Geocorrente e Oficiais da Escola de Guerra Naval

# BOLETIM GEOCORRENTE

## 10 ANOS



**CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1)  
LEONARDO FARIA DE MATTOS**

Coordenador do Núcleo de Avaliação da Conjuntura  
Editor Chefe do Boletim Geocorrente

Em 19 de setembro de 2014, o BOLETIM GEOCORRENTE 001 era divulgado, com sete páginas, doze artigos e uma seção de textos recomendados. O Grupo, à época, era formado por apenas 16 pesquisadores. Hoje, dez anos depois, julgo ser oportuno compartilhar um pouco de nossa história, neste que é o Boletim Geocorrente 207, com vinte e uma páginas, doze artigos, o mapa de riscos globais, o calendário geocorrente e a seção de artigos recomendados. Agora, temos 66 pesquisadores. Em abril de 2014, o Contra-Almirante REGINALDO REIS, na época Chefe do Departamento de Ensino da Escola de Guerra Naval, pediu-me para montar um grupo de estudos de geopolítica, no âmbito do Laboratório de Simulações e

Cenários (LSC). Contando com a ajuda da então mestranda JÉSSICA GERMANO, no seu primeiro ano do Programa de Pós-graduação em Estudos Marítimos (PPGEM), começamos a entrevistar os interessados em fazer parte do Grupo Geocorrente.

Nossa primeira reunião ocorreu em 15 de agosto, e a ideia inicial era realizar reuniões semanais, para debater-se a geopolítica global. Numa de nossas primeiras reuniões, a pesquisadora NOELE PEIGO comunicou a ideia de termos como produto do grupo um boletim com artigos dos pesquisadores sobre a Geopolítica Global.

Em 2015, o então presidente do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha, o Almirante de Esquadra (FN) ÁLVARO MONTEIRO, recomendou que o grupo Geocorrente deixasse de fazer parte do LSC e fosse transformado numa estrutura diretamente ligada a Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação da EGN. Surge assim o Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC).

Outro momento, que julgo muito importante, foi em novembro de 2019, quando lançamos a primeira edição em inglês de nosso Boletim.

O BOLETIM GEOCORRENTE é uma publicação contendo artigos de geopolítica e oceanopolítica, elaborados por pesquisadores civis voluntários, classificada pela CAPES como B3. Até hoje, já foram 207 Boletins regulares, contendo um total de 2851 artigos, além de 26 Boletins Especiais.

Neste pequeno espaço, eu não teria condições de agradecer nominalmente a todos que ajudaram para que chegássemos até aqui, tornando aquela simples ideia de montar um grupo de geopolítica corrente no âmbito do LSC, o NUCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA — que é, na minha avaliação, o melhor grupo acadêmico de geopolítica e oceanopolítica do BRASIL.

Muito obrigado a todos e que DEUS siga nos guiando e nos protegendo nessa jornada. Viva o Boletim Geocorrente, o NAC, a EGN, a MARINHA, e o nosso BRASIL!



#### **ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UERJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)  
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)  
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)  
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)  
Rafaela Marinho Gonzalez Machado (UFRJ)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (UERJ)

#### **AMÉRICA DO SUL**

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)  
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)  
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Maria Fernanda Santos Kerr (UERJ)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)  
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

#### **AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)  
Kaíke Ferreira Mota (UFRJ)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

#### **ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Jayanne Balbino Soares (UFF)

#### **EUROPA**

Amanda Maciel Fraga Montoiro (UFRJ)  
Emerson Luiz Bento dos Santos (UFRJ)  
Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (KCL)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

#### **LESTE ASIÁTICO**

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Carvalho Pinto Puccetti (UFRJ)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Nina de Almeida Bonifacio Pereira (UERJ)  
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

#### **ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)  
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)  
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

#### **RÚSSIA & EX-URSS**

Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)  
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

#### **SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

#### **SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Manguera (PUC-Rio)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)  
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

#### **TEMAS ESPECIAIS**

Nathália Magalhães Macedo (UFRJ)  
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

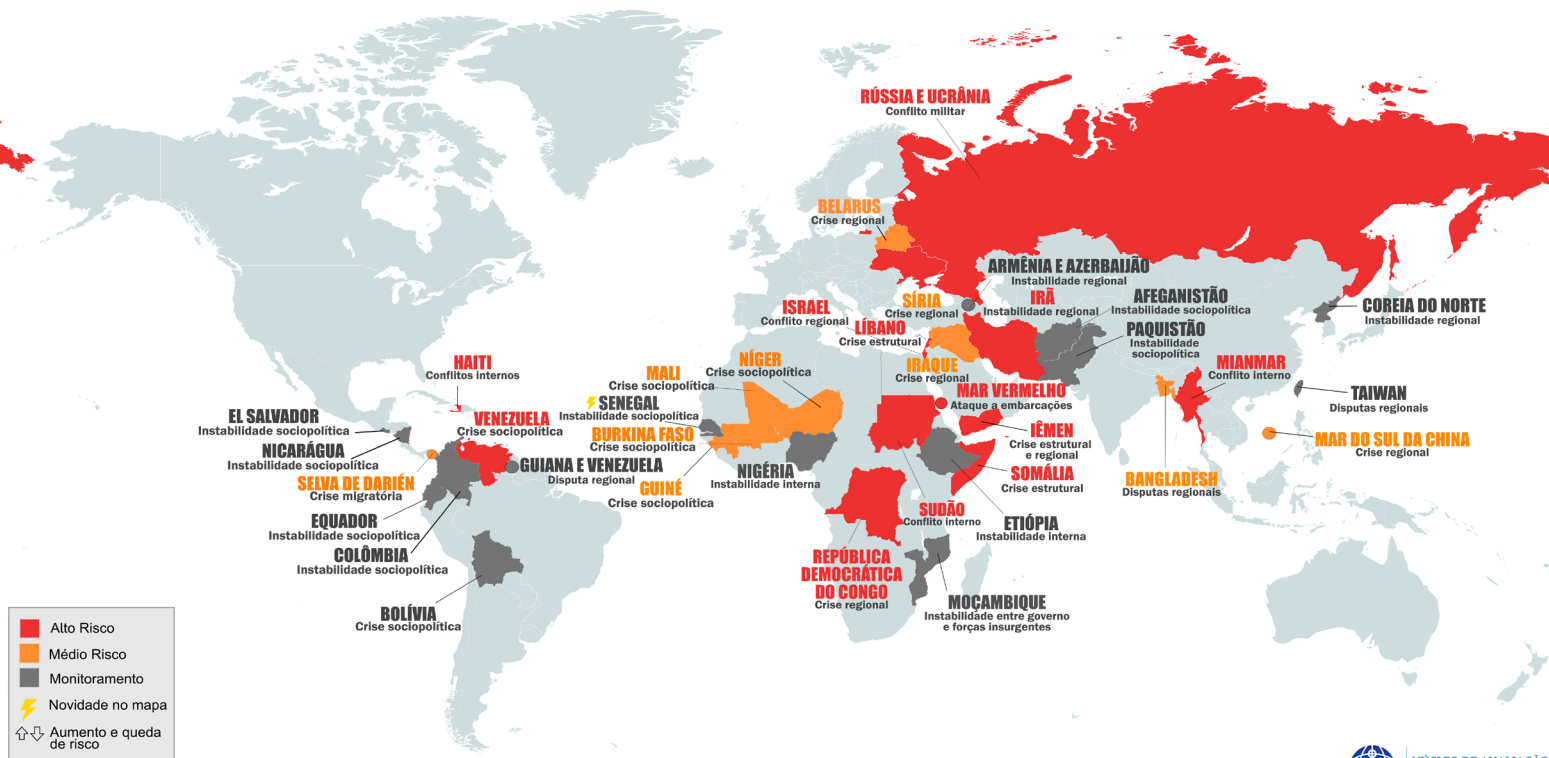


# SUMÁRIO

<p><b>AMÉRICA DO SUL</b></p> <p><i>Poder en el mar</i>: modernização da Marinha Argentina .....7</p> <p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>A ascensão da influência chinesa na América Central: impactos e implicações geopolíticas.....8</p> <p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>“Peace Unity 2024” e a “diplomacia militar” do dragão na costa oriental da África.....9</p> <p>A expansão do Estado Islâmico na Somália .....10</p> <p><b>EUROPA</b></p> <p>Os desafios atuais da dissuasão nuclear britânica ..... 11</p> <p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>Eleições no mundo árabe: repressão e democracia andam juntas na Argélia?.....12</p> <p><b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b></p> <p>As dimensões geopolíticas e estratégicas do “Ocean-2024” ..... 13</p>	<p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>Implicações das manobras estratégicas norte-coreanas para a segurança regional .....13</p> <p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>A crise política em Bangladesh e seus impactos para o Sul da Ásia ..... 14</p> <p><b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b></p> <p>Sabina Shoal: O Novo Epicentro da Tensão Sino-Filipina ..... 15</p> <p><b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b></p> <p>Brasil e Chile na Antártica: diplomacia e meio ambiente na América Latina ..... 16</p> <p><b>TEMAS ESPECIAIS</b></p> <p><i>O Pacta Sunt Servanda</i> sob ameaça no Tribunal Penal Internacional..... 17</p> <p>Artigos Selecionados &amp; Notícias de Defesa..... 18</p> <p>Calendário Geocorrente..... 18</p> <p>Referências..... 19</p> <p>Mapa de Riscos.....20</p>
---	---

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20

**Poder en el mar: modernização da Marinha Argentina**

Fernanda Calado

Em sua teoria do poder marítimo, Alfred Mahan, oficial da Marinha estadunidense no final do século XIX e início do XX, sinalizou o protagonismo do poder naval para a geopolítica, seja em batalhas, seja para a influência de alianças e acordos políticos. As convicções de Mahan continuam a influenciar a percepção de contribuição geopolítica dos Estados no século XXI, especialmente através de suas marinhas. Não coincidentemente, a Argentina se preocupa com a modernização de sua força naval, a fim de incrementar a defesa nacional e aumentar sua participação internacional. Desse modo, indaga-se: como a ampliação do poder naval argentino auxilia na projeção do país geopoliticamente?

A Argentina lançou em 2014 o projeto Pampa Azul ([Boletim 121](#)), que visa incentivar o conhecimento científico, o desenvolvimento tecnológico, a inovação do espaço marítimo argentino e o fortalecimento da soberania do país em águas jurisdicionais. O Pampa Azul conta com cinco áreas geográficas prioritárias: Estuário do Rio do Prata, Agujero Azul no talude continental, Golfo de San Jorge, Banco Namuncurá (também chamado de Banco Burdwood) e áreas marítimas subantárticas, que incluem as Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul.

Com o intuito de alinhar-se com o mundo em matéria de defesa, o *Libro Blanco de la Defensa Nacional* aponta para a modernização das Forças Armadas Argentinas em

termos de recursos e equipamentos para melhorar suas condições de atuação. No entanto, os principais desafios do país para modernizar sua força naval são a dificuldade de financiamento e o alto custo de aquisição de meios. Além disso, o cerceamento tecnológico imposto pela Inglaterra faz com que o acesso a meios desenvolvidos fabricados pelos britânicos e por outros países seja limitado.

O *Libro Blanco* aponta que é decisão política do país dotar as Forças Armadas de recursos para melhorar suas condições e ações. Porém, para que a Marinha Argentina esteja preparada para atuar em caso de necessidade, o país precisaria renovar, por exemplo, a frota de submarinos. Isso porque, pela primeira vez em 90 anos, a Argentina não conta com submarinos operativos. Uma Armada vulnerável implica, por exemplo, a impossibilidade de defesa de suas rotas e passagens de navegação e de seus recursos, caso sejam atacados. Assim, a realidade argentina evidencia que a defesa nacional não pode ser improvisada. Mas, além disso, evidencia-se também que projetos estratégicos, como o Pampa Azul, necessitam do respaldo de forças armadas robustas e modernas, com tropas devidamente treinadas e capazes de assegurar a soberania do Estado na defesa de seus recursos estratégicos e na garantia de integridade territorial.



**A ascensão da influência chinesa na América Central: impactos e implicações geopolíticas**

*Kaike Mota*

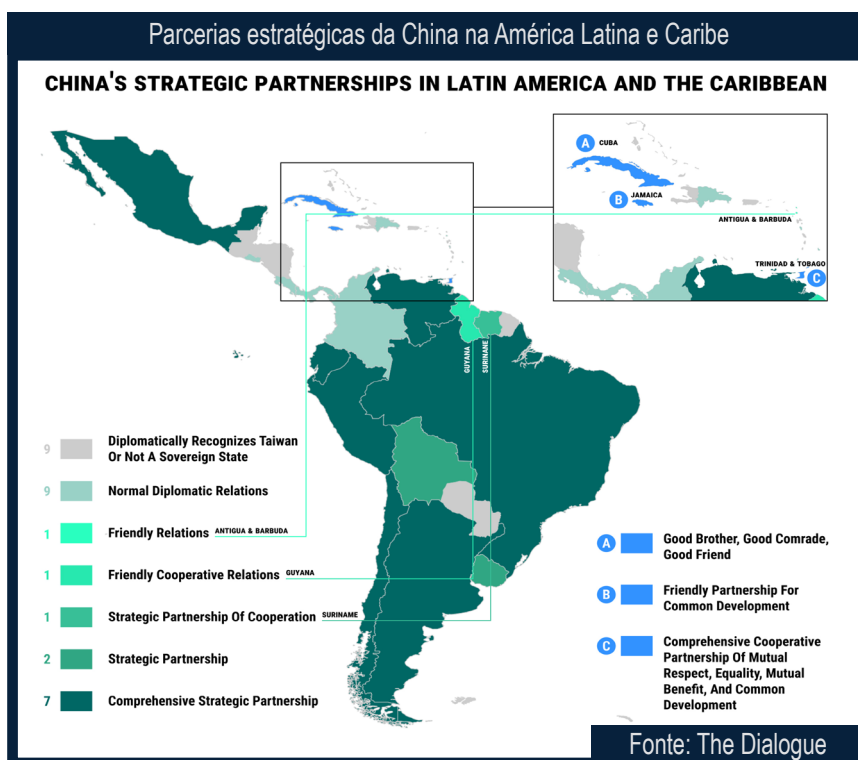
Nos últimos anos, a influência chinesa na América Central vem aumentando de forma considerável. Isso pois a China tem intensificado sua presença na região através de investimentos em comércio e infraestrutura. O país asiático tem estreitado relações com Nicarágua, Honduras e El Salvador, que possuem governos críticos aos Estados Unidos da América (EUA). Desse modo, analisa-se quais são os efeitos econômicos e geopolíticos da influência chinesa na América Central.

Na Nicarágua, a China investiu US\$ 396 milhões em um novo aeroporto, ao norte de Manágua, a ser construído pela *China State Construction and Engineering* (CSCE). Além disso, Pequim trabalha para melhorar as infraestruturas rodoviárias ao longo da costa do Pacífico. Em Honduras, as obras chinesas visam expandir o Porto de San Lorenzo, na costa hondurenha do Golfo de Fonseca, que defronta o Pacífico. Em El Salvador, os interesses asiáticos estão no campo da logística e da infraestrutura. Um exemplo é a empresa de telecomunicações *Huawei*, que está bem-estabelecida no país como fornecedora de serviços na região. Ainda no domínio logístico, as empresas estrangeiras também demonstram interesse em desenvolver o porto de *La Unión*, também no Golfo de Fonseca.

O investimento chinês, em sua maior parte, é realizado por empresas chinesas, não diretamente pelo governo. Esses investimentos têm desempenhado um papel significativo na alavancagem das economias da América Central ao promover o desenvolvimento de infraestrutura

nesses países. Ferrovias para o transporte de lítio, estradas e barragens são exemplos concretos do aumento dos investimentos chineses que têm como objetivo fortalecer o comércio e expandir a participação da China no cenário regional. Esse intercâmbio beneficia ambos os lados, favorecendo especialmente a China, pois a região se torna não apenas um canal para investimentos, mas também uma zona de influência estratégica, estreitando-se laços bilaterais. Esse movimento coloca em questão a hegemonia tradicional dos EUA sobre seus vizinhos centro-americanos, desafiando a sua histórica influência geopolítica na região.

O descontentamento estadunidense, embora evidente, não é suficiente para romper os laços bilaterais estabelecidos, uma vez que os investimentos chineses têm gerado benefícios concretos para esses países, especialmente no que tange à superação de deficiências em infraestrutura. Dessa forma, a China fortalece suas estratégias no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota (*Belt and Road*, em inglês) ([Boletim 188](#)), visando ampliar sua presença comercial global, enquanto os Estados centro-americanos obtêm ganhos significativos no desenvolvimento socioeconômico. No entanto, para que os EUA restabeleçam sua influência na região, será necessário que eles aumentem seus próprios investimentos na esfera interna desses países, de modo a focar em áreas cruciais, como infraestrutura, desenvolvimento socioeconômico e fortalecimento institucional.



DOI 10.21544/2446-7014.n207.p08.

“Peace Unity 2024” e a “diplomacia militar” do dragão na costa oriental da África

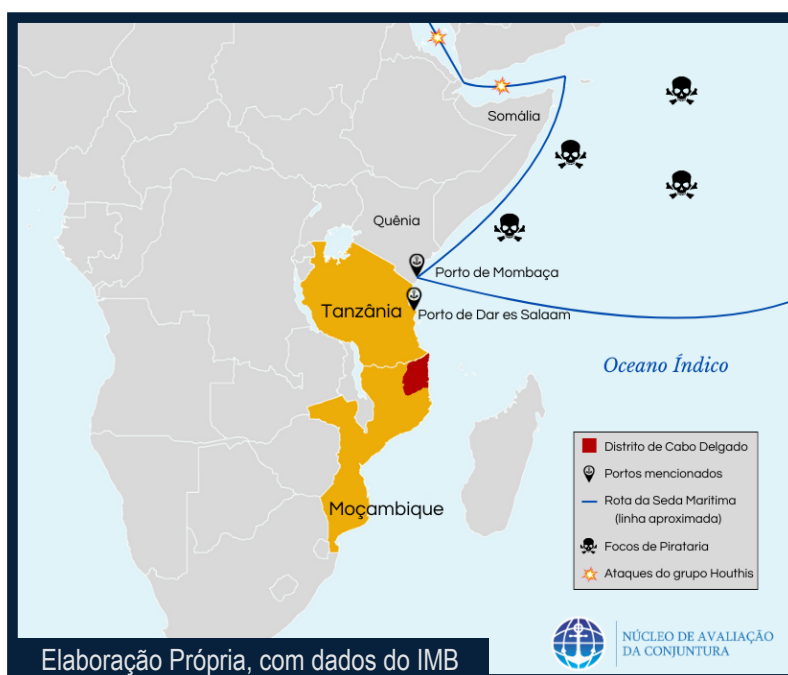
José Ricardo Araujo

Entre julho e agosto de 2024, ocorreu na Tanzânia o exercício trilateral China-Moçambique-Tanzânia “Peace Unity 2024”, organizado pelo Exército de Libertação Popular chinês (ELP). Com atividades em terra e no mar, a operação envolveu um esforço combinado das Marinhas e dos Exércitos dos participantes, sendo o primeiro exercício chinês em nações africanas a utilizar simultaneamente as duas Forças. Ele focou em táticas antiterrorismo e antipirataria, visando aprimorar as capacidades das Forças Armadas africanas. Nesse sentido, questiona-se: quais são as implicações dessa operação para seus participantes?

Para os países africanos envolvidos, o exercício é mais que um treinamento preventivo. De um lado, desde 2017, Moçambique sofre com a insurgência de células terroristas associadas ao Estado Islâmico em Cabo Delgado — um distrito rico em gás natural e recursos minerais na fronteira com a Tanzânia (Boletim 122). Dessa forma, para o governo moçambicano, desenvolver táticas antiterroristas é uma prioridade, principalmente após a retirada, em julho de 2024, da Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM, em inglês). Por outro lado, para a Tanzânia, o aprimoramento das capacidades de patrulha marítima e combate à pirataria é fundamental para seu projeto de pleitear a liderança do comércio marítimo na África Oriental com o porto de Dar es Salaam (Boletim 198). Ademais, sua proximidade com as crises de segurança marítima do Chifre da África exige tais capacidades.

Já da perspectiva chinesa, a operação também está para além de um exercício militar comum. A manutenção da segurança marítima no Oceano Índico é vital para a Rota da Seda Marítima (parte da iniciativa Cinturão e Rota — *Belt and Road*, em inglês), que passa pelo porto de Mombaça, no Quênia — país vizinho da Tanzânia. Além disso, o exercício exemplifica a “diplomacia militar” chinesa, com ações de intercâmbio cultural e auxílio humanitário. Essa atuação também serviu como demonstração do poderio militar do dragão asiático e como oportunidade para se estreitarem os laços com países da costa africana, onde a China tem tido atuação crescente. Estrategicamente, a operação foi realizada nas proximidades do 60º aniversário das relações bilaterais China-Tanzânia; da Cúpula do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC, em inglês); e da visita do navio-hospital chinês “Peace Ark” à Tanzânia, realizando atendimentos gratuitos na região.

Logo, fica evidente a relevância do “Peace Unity 2024” para os atores envolvidos, assim como a relação do exercício com a política de defesa chinesa, que advoga pelo papel global de liderança moral do país. Nesse âmbito, compreender a crescente influência chinesa na África exige a análise dos seus engajamentos futuros, atentando-se ao mosaico estratégico multifatorial idealizado pelo dragão asiático na execução de suas operações.



## A expansão do Estado Islâmico na Somália

Nicole Chifunga

De acordo com a revista *Africa Defense Forum* (ADF), o grupo terrorista Estado Islâmico (EI) afirma ter realizado 788 ataques a nível mundial no primeiro semestre de 2024. Desses ataques, 536 foram na África, onde se estima que 2.142 pessoas morreram em decorrência de conflitos. Nos últimos meses, o EI Somália tem ampliado sua presença no norte do país, conquistando regiões que estavam há anos em disputa com o Al-Shabaab — braço da Al-Qaeda no país. Assim, questiona-se: qual é o contexto da expansão do grupo filiado ao Estado Islâmico na Somália?

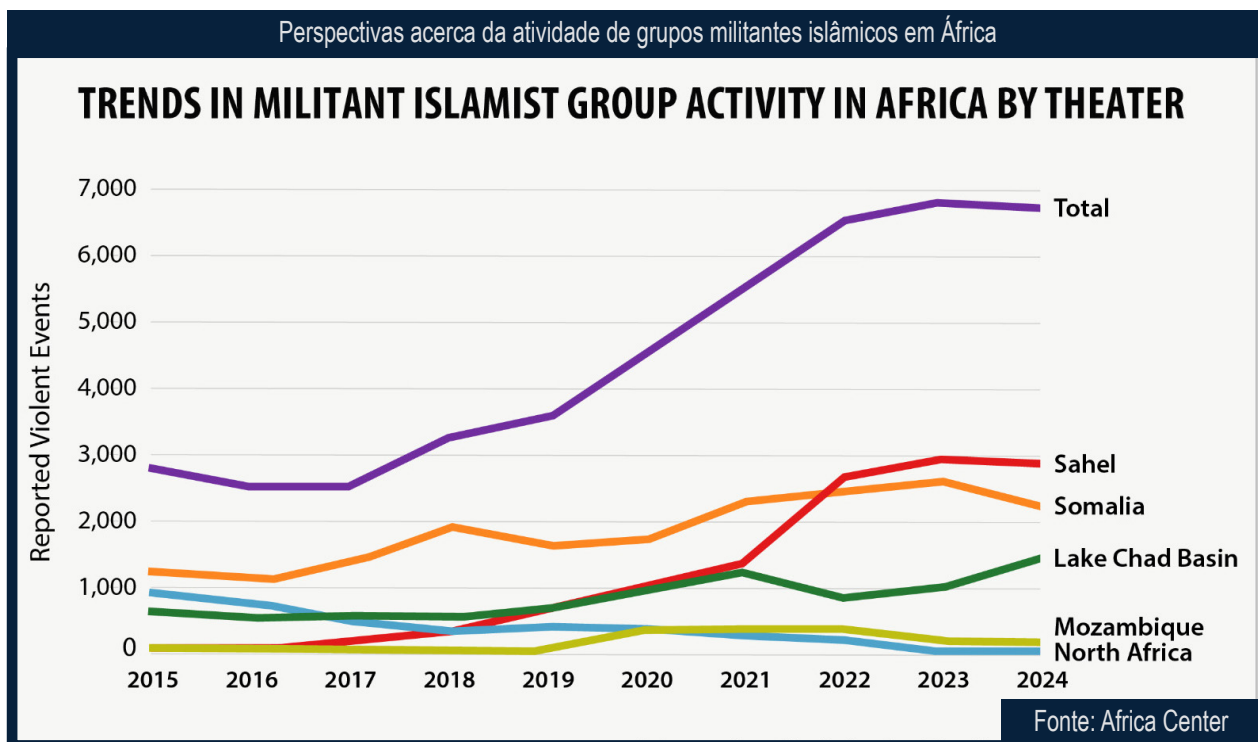
No decorrer dos anos, o Al-Shabaab era apontado como a maior força terrorista presente na Somália, tendo mais membros e investimentos no país e, conseqüentemente, limitando o crescimento do EI Somália — um grupo menor. Contudo, em 2022, quando o governo somali lançou uma ofensiva contra o Al-Shabaab no sul do país, o grupo teve que realocar fundos e forças que operavam no Norte para o Sul, abrindo espaço para um conflito entre os grupos, o que levou à ascensão do EI na região.

Para consolidar sua influência nos territórios recém-conquistados, o EI conduziu atividades de *Da'wah* (conversão de indivíduos) em algumas aldeias que capturou durante o Ramadã, período sagrado para os

muçulmanos. O grupo desativou explosivos deixados pelo Al-Shabaab e realizou orações com os aldeões, para gerar simpatia para com sua filosofia do Islã e atrair novos membros.

Em maio de 2024, o líder do EI Somália, Abdulqadir Mumin, sobreviveu a um ataque aéreo estadunidense, o que pode ter contribuído para sua ascensão na hierarquia do grupo. Especialistas especulam que Mumin tenha sido apontado como califa (título atribuído ao líder religioso islâmico) do EI após o ocorrido. Especificamente, Mumin lidera o Gabinete de Al-Karrar, que coordena atividades do EI na Somália, África Central e Iêmen, incluindo o envio de combatentes, suprimentos, munições, fundos e diretrizes para as filiais do EI no continente. Especula-se ainda que a célula do EI na Somália centralize as operações logísticas do grupo na África.

Seja Mumin califa ou não, o fato é que ele ocupa uma posição de alta patente dentro do grupo. A presença de diversos outros líderes de alto escalão e instituições importantes do EI na Somália reforçam a importância geopolítica e estratégica do continente para a rede global do EI. Essa tendência pode indicar um possível deslocamento do foco do EI para a África como uma nova prioridade geopolítica.



## Os desafios atuais da dissuasão nuclear britânica

Guilherme Carvalho

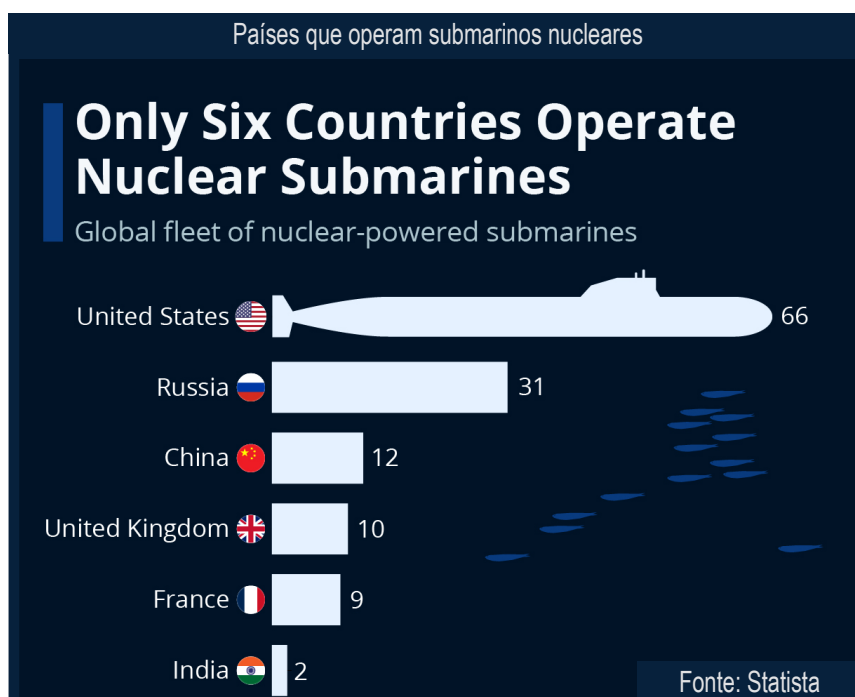
A dissuasão nuclear britânica, eixo central da defesa do Reino Unido, enfrenta desafios complexos, fruto de limitações estruturais, logísticas e de pessoal. Um exemplo recente foi o retorno ao porto de Faslane de um dos quatro submarinos da classe “Vanguard”, após uma patrulha recorde de mais de seis meses no mar. A embarcação apresentou sinais de desgaste considerável, com o casco danificado pela ação de algas e cracas, além da deterioração de suas placas anecóicas, projetadas para fornecer as capacidades furtivas da embarcação, o que evidencia o envelhecimento da frota britânica de submarinos balísticos nucleares (SSBN). Nesse sentido, quais os impactos dessa deterioração sobre a segurança e as ambições do país? Seriam suficientes as medidas planejadas para sua resolução?

Atualmente, o Reino Unido opera duas classes de submarinos: a “Vanguard”, com quatro SSBN, e a “Astute”, com seis submarinos nucleares de ataque (SSN). Embora essa seja a maior força submarina da Europa, ela vem se encontrando sobrecarregada. Em 2021, o HMS “Victorious” registrou 207 dias no mar, ultrapassando em muito a média de 77 dias das patrulhas americanas. Esse prolongamento reflete a pressão sobre a força submarina britânica, que tem enfrentado dificuldades para cumprir suas missões de dissuasão e vigilância, essenciais para a segurança nacional.

A escassez de submarinos operacionais e a infraestrutura ultrapassada agravam o cenário. A substituição dos submarinos “Vanguard” pela classe

“Dreadnought”, prevista para os próximos anos, terá um custo estimado de US\$ 39,9 bilhões, abrangendo design, construção e testes. Também serão necessários investimentos substanciais na modernização dos estaleiros britânicos, fundamentais para construção e manutenção eficientes dessas novas embarcações. A classe “Dreadnought” introduzirá tecnologias avançadas, maior autonomia operacional e sistemas baseados em inteligência artificial, com uma tripulação de aproximadamente 130 pessoas por embarcação. Contudo, a previsão de construção de apenas quatro submarinos dessa classe nos próximos 15–20 anos muito provavelmente será insuficiente para atender às necessidades estratégicas do Reino Unido. Ademais, vale ressaltar que o país enfrenta um dilema estratégico: apesar de aspirar a uma posição de liderança global, a realidade econômica e militar atual do Reino Unido não sustenta tais ambições. As ameaças crescentes próximas, como o conflito russo-ucraniano e a tensão nas rotas comerciais do Oriente Médio, evidenciam o Atlântico Norte como uma possível área de atenção para se garantir a segurança regional.

Observa-se que há planos de investimento para combater os desgastes, mas ainda é incerto se serão suficientes. Parece ser um caminho o foco na segurança regional, enquanto se busca superar desafios que permitam se apostar em submarinos modernos, que garantiriam a dissuasão nuclear e manteriam a relevância estratégica internacional de Londres.



## Eições no mundo árabe: repressão e democracia andam juntas na Argélia?

Vitória França

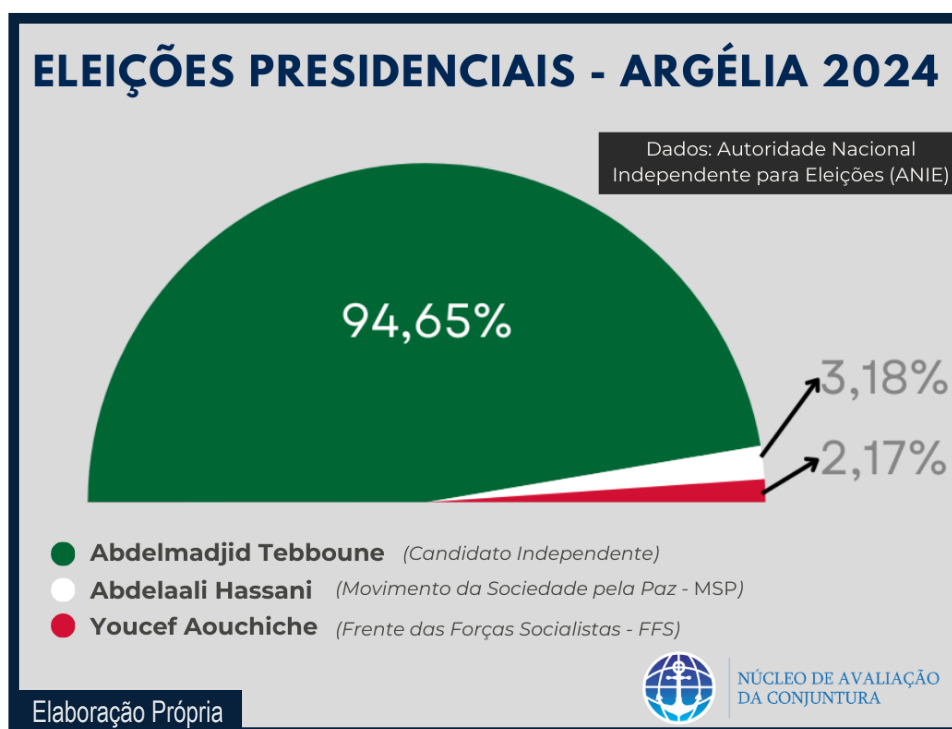
No último dia 07, o atual presidente da Argélia, Abdelmadjid Tebboune, foi reeleito para o cargo. A Autoridade Eleitoral Nacional Independente da Argélia (ANIE) anunciou no dia seguinte, em meio a contestações, que Tebboune havia conquistado 94,6% dos votos, superando com margem seus concorrentes: o islâmico Abdelali Hassani Cherif, que recebeu 3,2%, e o socialista Youcef Aouchiche, que obteve apenas 2,2%. Vale relembrar que, em 2019, Tebboune se tornou presidente em meio a eleições amplamente boicotadas e protestos em massa pró-democracia Hirk — movimento pacífico que inicialmente se opôs a um potencial quinto mandato para o então presidente, Abdelaziz Bouteflika. Nesse sentido, cabe questionar: o que pode significar tal movimentação política para a democracia e economia da Argélia?

Com o slogan “Nova Argélia”, Tebboune prometia, em 2019, mudança política e uma ruptura com a corrupção da era Bouteflika. No entanto, anos depois, essa “Nova Argélia” assumiu um tom ofensivo, à medida que o autoritarismo se aprofundou e as aspirações do Hirk desapareceram, tornando o país um Estado autoritário comandado pela mesma casta militar, e visivelmente mais repressivo. Nesse contexto, politicamente, o segundo mandato de Tebboune parece oferecer uma ilusão de estabilidade, apoiada por um certo “populismo

autoritário” que se esforça para manter um contrato social volátil.

Nas eleições de 2024, para reforçar seu apoio doméstico, Tebboune aproveitou a vantagem inesperada do aumento das exportações de gás natural para a Europa ([Boletim 161](#)). Com as segundas maiores reservas de petróleo e gás da África e as terceiras maiores de gás de xisto do mundo, o país continua com uma economia focada na exportação de combustível, o que deve ganhar força nos próximos anos de governo. Entretanto, cabe ressaltar que as condições econômicas na Argélia estão em um momento complexo: apesar do boom energético, impactos severos no poder de compra dos cidadãos tornam-se uma consequência, à medida que as pressões inflacionárias aumentam e os setores de não hidrocarbonetos estagnam.

Em resumo, as autoridades governantes conseguiram manter seu domínio por meio de uma combinação de repressão e redistribuição econômica. A última eleição consolidou a legitimidade institucional de Tebboune, buscando estabilizar o regime e ganhar tempo para uma maior reestruturação interna. Agora, o maior desafio da Argélia está em sua capacidade de transcender esse modelo de governança de curto prazo, com uma revisão substancial do contrato social e abertura política.



DOI 10.21544/2446-7014.n207.p12

## As dimensões geopolíticas e estratégicas do “Ocean-2024”

*Pérsio Glória de Paula*

Os exercícios navais são instrumentos fundamentais para a projeção de poder e para o fortalecimento de capacidades estratégicas. Para a Rússia, além da incorporação da experiência obtida em conflitos reais, essas operações também refletem as prioridades geopolíticas e diplomáticas do país. Nesse sentido, como os exercícios navais russos “Ocean-2024” se encaixam na atual conjuntura internacional?

Realizado entre os dias 10 e 16 de setembro, o “Ocean-2024” abrangeu operações nos oceanos Ártico e Pacífico e nos mares do Báltico, Cáspio, Japão e Mediterrâneo. Os treinamentos envolveram cenários para repelir uma agressão oceânica em larga escala, combater embarcações e veículos aéreos não tripulados, defender bases navais, realizar operações anfíbias e escoltar transportes. Assim, conforme destacado pelo ministro da defesa russo Andrei Belousov, um dos objetivos do “Ocean-2024” era capacitar as esquadras russas, incorporando as experiências de combate real obtidas nos Teatros de Operação do Mar Negro e da Síria. Ademais, os exercícios contaram com a participação de mais de 400 embarcações, 120 aeronaves e 90 mil militares.

Dada a magnitude geográfica e a quantidade de belonaves e tropas envolvidas, esse é o maior exercício de forças navais russas desde o fim da União Soviética. Portanto, além da importância estratégica, o “Ocean-2024” também possui significativo simbolismo. O Presidente Vladimir Putin, em declaração conjunta com

o Ministério da Defesa e o Alto Comando da Marinha russa, também ressaltou a relevância do exercício para o comando estratégico-nuclear e o Estado-Maior do país, especialmente em um contexto de tensões crescentes com o Ocidente, tanto no oeste do país quanto na Ásia-Pacífico.

Assim, o “Ocean-2024” possui igualmente uma dimensão político-diplomática, dada a participação de embarcações chinesas e a presença de observadores internacionais. Além disso, os exercícios russos ocorreram logo após os exercícios chineses “Northern/Interaction-2024”, realizados no início de setembro, que também contaram com a participação de belonaves russas. Dessa forma, além do amplo espectro de cooperação militar, evidencia-se a coordenação sino-russa como uma resposta conjunta ao aumento da presença militar dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico e à militarização de regiões de crescente importância comercial e geopolítica, como o Ártico.

Nesse contexto, os exercícios “Ocean-2024” representam um fortalecimento das capacidades navais da Rússia e uma resposta ao contexto geopolítico de disputa com o bloco ocidental. A abrangência, a participação de parceiros internacionais e a incorporação da experiência obtida em combate real são também fatores importantes para reafirmar a posição geoestratégica russa em um contexto de transformações globais.

DOI 10.21544/2446-7014.n207.p13.

## LESTE ASIÁTICO

### Implicações das manobras estratégicas norte-coreanas para a segurança regional

*Marcelle Torres*

Recentemente, o líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un, encontrou-se com o Secretário do Conselho de Segurança da Rússia, Sergei Shoigu, para aprofundar as relações entre os dois países. Após o encontro, Kim Jong-un visitou uma instalação de enriquecimento de urânio, reacendendo o debate internacional acerca dos planos estratégicos do país para seu arsenal nuclear, em um cenário de aumento das tensões intercoreanas. Outro movimento notável de Pyongyang foi o registro, e posterior “desregistro”, de treze submarinos na Organização Marítima

Internacional (IMO, em inglês), a saber: onze da classe “Sang-O II”, um da classe “Sinpo-B” (o “8.24 Yongung”) e um da classe “Sinpo-C” (o “Kim Kun Ok”) ([Boletim 192](#)), com alegada capacidade de transporte de mísseis balísticos lançados por submarinos (SLBM, em inglês). Considerando esses fatos, cabe questionar: quais são as possíveis intenções do regime norte-coreano?

A partir da escala de Lindberg e Todd (2002), é possível classificar a Marinha Popular norte-coreana (KPN, em inglês) como uma força naval de águas verdes. Operante em águas costeiras e de alcance limitado, a

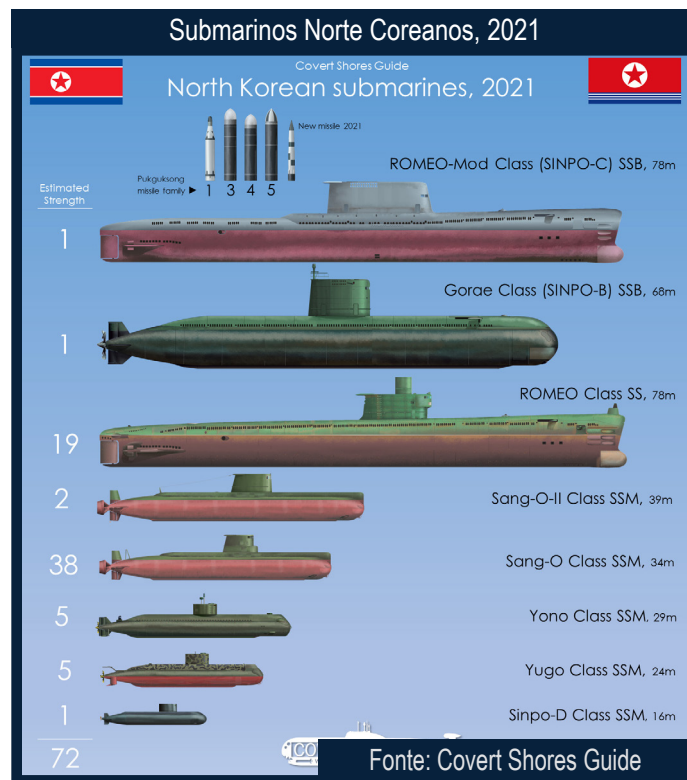
KPN possui a Esquadra da Costa Leste e a Esquadra da Costa Oeste, todavia sem apoio mútuo. Com cerca de 72 submarinos, Pyongyang se atém à modernização naval sul-coreana e fomenta as capacidades assimétricas e de negação do uso do mar.

Em 11 de setembro, durante o anual diálogo de segurança multilateral *Seoul Defense Dialogue*, o ministro da Defesa sul-coreano, Kim Yong-hyun, externou preocupação com a situação de segurança na Península Coreana. Kim ressaltou o aprimoramento das capacidades nucleares e de mísseis de Pyongyang e condenou a parceria militar do país com Moscou. Somam-se a isso os sucessivos vetos ou abstenções da China e da Rússia em resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas destinadas à Coreia do Norte. Ademais, o ministro acusou a Coreia do Norte de ataques cibernéticos e roubo de ativos virtuais.

Enquanto Seul busca proteger seus ativos estratégicos críticos e enfatiza que a segurança da Península Coreana,

do Indo-Pacífico e do Atlântico estão interligadas — retórica utilizada para atrair a atenção internacional —, Pyongyang sinaliza suas intenções: i) tentar minar a própria capacidade de dissuasão estendida de Washington; ii) alavancar a sua capacidade assimétrica; iii) assinalar o avanço de seu poder naval, contrastando-se ao plano de marinha de águas azuis sul-coreano; iv) influir nos debates estadunidenses para a segurança regional da península em face da nova administração dos EUA em 2025; e v) manter a ambiguidade estratégica do regime para dificultar a previsibilidade de seus objetivos pela comunidade internacional

Considerando esse cenário, a Coreia do Sul vem agindo em diversas frentes para garantir sua proteção, incluindo estratégias cibernéticas ofensivas, além de estabelecer como cerne dissuasório a parceria com os EUA, que tem aumentado os recursos destinados a inteligência, vigilância e reconhecimento na região, visando à segurança na Península Coreana.



DOI 10.21544/2446-7014.n207.p.13-14.

## SUL DA ÁSIA

### A crise política em Bangladesh e seus impactos para o Sul da Ásia

Lucas Mitidieri

Desde agosto de 2024, Bangladesh, um dos países de crescimento econômico mais rápido do mundo, vem sofrendo uma onda de protestos que resultou em mais de 400 mortes e na renúncia da primeira-ministra Sheikh Hasina. A crise se iniciou com protestos estudantis por todo o país após a reintrodução do sistema de cotas de

emprego para o setor público. Porém, esses protestos rapidamente se transformaram em uma revolta nacional contra o governo, acusado de repressão e crescente autoritarismo. A renúncia de Hasina, uma importante aliada política da Índia que esteve no poder por quase duas décadas, levanta incertezas significativas sobre o

futuro político de Bangladesh e sobre os impactos na balança de poder da região.

O descontentamento com o governo de Hasina já era crescente no país, especialmente após as acusações de fraude eleitoral em janeiro de 2024, quando ela foi reeleita com apenas 41,8% de participação da população, em uma eleição não reconhecida por EUA e Reino Unido. Nesse sentido, a reintrodução do controverso sistema de cotas, que fora abolido em 2018, serviu como faísca para uma onda de protestos que se intensificou à medida que a repressão aumentava. As cotas reservam um terço das vagas no setor público para famílias de veteranos da Guerra de Independência de Bangladesh (1971), o que gerou a fúria de uma população que sofre com os elevados índices de desemprego.

Após sua renúncia, Hasina fugiu para a Índia, onde foi recebida pelo chefe do aparato de segurança indiano. A queda de Hasina representa um revés significativo para a Índia, que, além de ter realizado investimentos

substanciais em infraestrutura e segurança em Bangladesh, sempre priorizou o país em relação a outros vizinhos, como China e Paquistão. Em resposta, a mídia indiana não só expressou insatisfação com a renúncia, mas também acusou os vizinhos de inflar as manifestações para benefício próprio. Anteriormente, a China havia demonstrado relutância em cooperar com Bangladesh após perder grandes projetos de financiamento para a Índia.

Em suma, essa instabilidade política está profundamente entrelaçada com as disputas de poder regionais, envolvendo os interesses de China, Índia e Paquistão. Após a queda de Hasina, o novo governo interino está focado em conter a onda de protestos violentos e organizar novas eleições. Contudo, o desfecho dessa crise gera grandes incertezas para a Índia, que teme o retorno do partido islâmico ao poder e a abertura de oportunidades de maior alinhamento com China e Paquistão.

DOI 10.21544/2446-7014.n207.p14-15.

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### Sabina Shoal: O Novo Epicentro da Tensão Sino-Filipina

*Gabriela Veloso*

Poucas semanas após o acordo provisório de 20 de julho de 2024 entre os dois países, que teve o intuito de amenizar tensões no Mar do Sul da China (MSC), China e Filipinas tiveram uma escalada das tensões na região. A atual disputa pelo atol de Sabina Shoal — ao qual Pequim se refere como Coral Xianbin e Manila como Escoda Shoal — vem se agravando desde abril e trouxe novas preocupações: apenas no último mês, houve dois momentos de confronto significativos nas proximidades do Shoal. No mais recente, os países acusaram-se mutuamente de causar a colisão entre os seus navios — o filipino BRP “Teresa Magbanua” e um navio da Guarda Costeira chinesa.

O navio filipino está ancorado em Sabina desde meados de abril, depois de Manila suspeitar que a China poderia construir uma estrutura para tomar o atol desabitado. A China nutria as mesmas suspeitas e recentemente apresentou um protesto diplomático contra as Filipinas devido à presença prolongada do navio.

Sabina Shoal é particularmente importante para as Filipinas porque fica perto de Reed Bank, onde estima-se

que há reservas de petróleo e gás, e porque é o principal palco para missões de reabastecimento para o encalhado navio filipino, “Sierra Madre”, no Second Thomas Shoal. Para Manila, se os chineses assumirem o controle, os abastecimentos poderão ser impedidos, assim como o trajeto de navios à Thitu, uma ilha filipina no MSC.

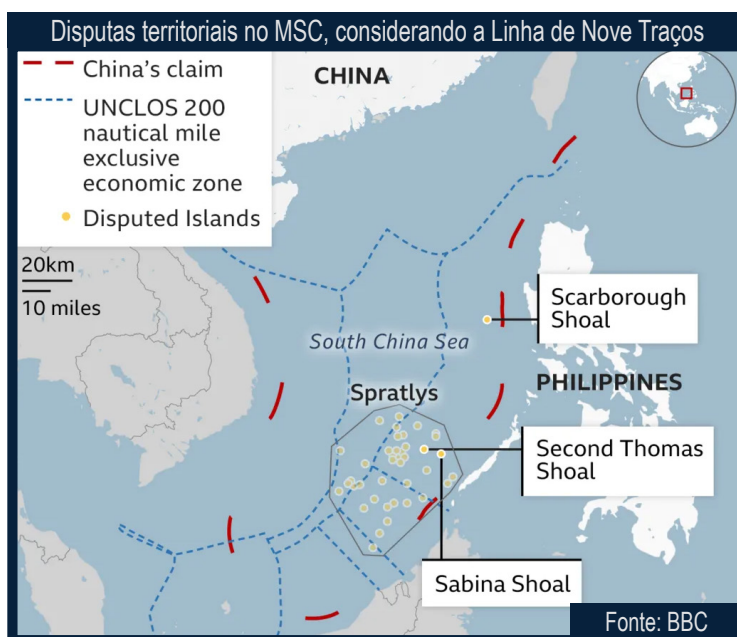
Além disso, com as eleições se aproximando no país, o presidente Ferdinand Marcos Jr. não quer correr o risco de perder Sabina Shoal. Ele prometeu não ceder “um centímetro quadrado de território”. Logicamente, a liderança da China também não quer ser desmoralizada por aquilo que considera “um adversário muito menor e mais fraco”.

Quanto às colisões, até agora não houve fatalidades, embora as Filipinas afirmem que vários dos seus militares tenham sofrido ferimentos. À medida que os confrontos se tornam cada vez mais hostis, resultando em ferimentos nos filipinos e danos a seus navios, o governo filipino tem enfrentado dúvidas sobre como e se devem invocar seu Tratado de Defesa Mútua com Washington.

O presidente Ferdinand Marcos Jr. alertou que

qualquer morte de filipinos resultante das ações da China seria considerada um “ato de guerra”. Os incidentes em Sabina Shoal levantam a questão de se as tentativas de desescalada, como o prévio acordo provisório sobre o

Second Thomas Shoal, são eficazes, levando-se em conta que a disputa pode simplesmente mudar para um novo local.



DOI 10.21544/2446-7014.n207.p15-16

## ÁRTICO & ANTÁRTICA

### Brasil e Chile na Antártica: diplomacia e meio ambiente na América Latina

*Gabriele Hernandez*

A visita do Presidente Lula ao Chile durante a primeira semana de agosto consolidou a declaração conjunta que estreita os laços entre os dois países em uma vasta gama de temas, entre eles Antártica e meio ambiente. O 54º tópico da declaração destaca a coordenação conjunta no continente através de um mecanismo bilateral de consultas políticas antárticas. O Brasil reiterou seu apoio à criação de uma Área Marinha Protegida (MPA, em inglês) no Domínio — uma proposta que circula há alguns anos na Convenção para Conservação dos Recursos Vivos Marinhos Antárticos (CCAMLR, em inglês) visando restringir a pesca nos mares próximos à Península Antártica, região reivindicada por Argentina, Chile e Reino Unido.

A criação de santuários no mar austral está atrelada à temática ambiental, mas possui raízes mais profundas na governança antártica. Cada estação e Área Antártica Especialmente Administrada (ASMA, em inglês) sob a responsabilidade de um país dá a ele limitada vantagem sobre a administração daquela área. Por esse motivo, o estabelecimento de estações de pesquisa é pensado de antemão tendo em vista os interesses do Estado e como ele consegue acessá-las. Os sete reivindicantes do tratado, que são, além do Chile, Argentina, Austrália, França, Noruega, Nova Zelândia e Reino Unido, também dispõem de pequenas vantagens sobre seus setores. Já as MPAs evitam a

exploração de recursos naturais e navios estrangeiros nos mares dentro de seus limites, e lida com a crescente pesca no mar austral.

Durante a primeira semana de setembro, o Brasil também sediou a 35ª Reunião de Administradores de Programas Antárticos Latino-Americanos (RAPAL), na qual discutiu com seus pares latinos a coordenação logística de apoio antártico e a cooperação científica com foco nas mudanças climáticas no continente, reforçando o diálogo regional voltado para a Antártica.

O posicionamento brasileiro sempre foi a favor da criação de áreas de conservação no continente, e segue a postura diplomática de apoio aos vizinhos e à questão ambiental, uma vez que o Brasil não busca explorar comercialmente a Antártica. Os principais defensores da pesca no local são China, Japão e Rússia, mas a Noruega é forte candidata ao país que mais captura peixes no mar austral, embora receba menos atenção. Além disso, o relacionamento do Brasil com o Chile na península é antigo. Este foi o primeiro país a convidar a Marinha do Brasil para uma expedição antártica, posteriormente emprestando instalações para se chegar ao continente e assinando um acordo de cooperação em 2013. Essa boa relação reflete a diplomacia de ambos os países, o discurso ambiental e a posição não territorialista brasileira na Antártica.

DOI 10.21544/2446-7014.n206.p16

O Pacta Sunt Servanda sob ameaça no Tribunal Penal Internacional

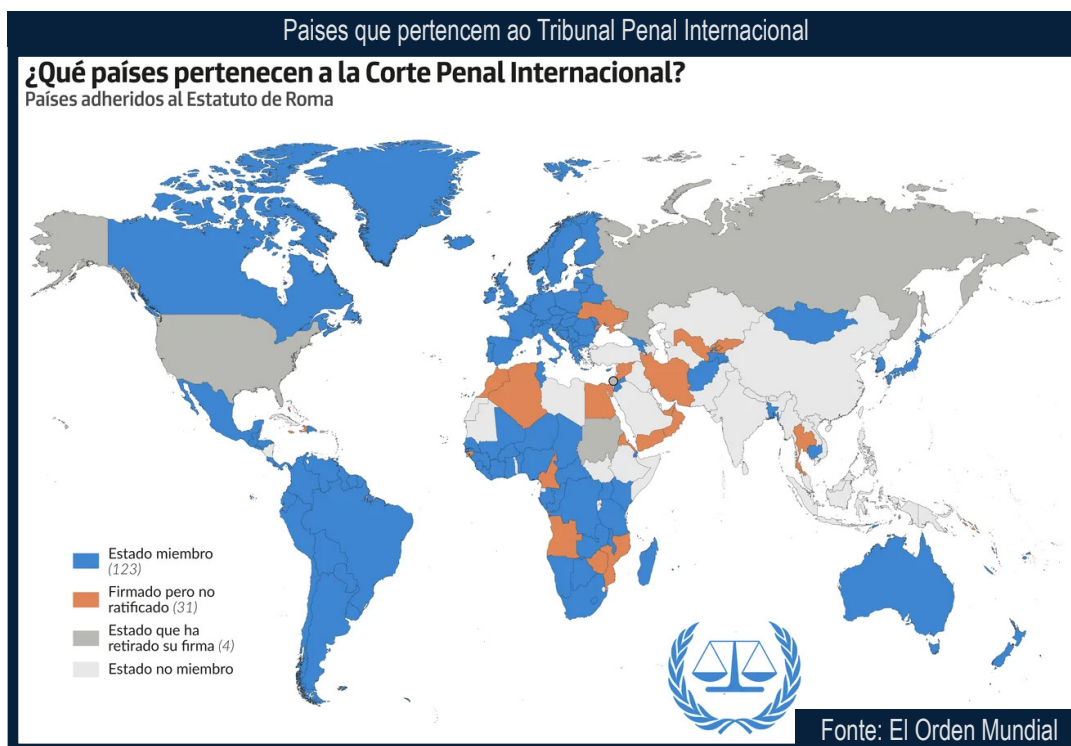
Carolina Vasconcelos

O Tribunal Penal Internacional (TPI) foi estabelecido pelo Estatuto de Roma, um tratado internacional originado de uma conferência diplomática em Roma, em 17 de julho de 1998, entrando em vigor em 1º de julho de 2002. Com sede em Haia (Países Baixos), o Tribunal tem como objetivo complementar os sistemas criminais nacionais, investigando, acusando e julgando crimes contra a humanidade, de genocídio, de guerra e de agressão. Atualmente, após 22 anos de operação e com 124 países signatários, o TPI enfrenta desafios significativos e tensões políticas, especialmente no tocante ao cumprimento de seus mandados de prisão, como o emitido contra o presidente da Rússia, Vladimir Putin, acusado de transferir crianças ucranianas à força de partes ocupadas pela Rússia na Ucrânia para o território russo. Nesse contexto, de que forma os países signatários estão desafiando o Estatuto de Roma a ponto de comprometer sua jurisdição?

Desde março de 2023, com o mandado de prisão contra Vladimir Putin, todos os países signatários do Estatuto de Roma que reconhecem a jurisdição do TPI são obrigados a prender Putin caso ele se encontre em seus territórios, conforme estabelecido pelo Artigo 59 do Estatuto. Essa obrigação visa assegurar que as decisões do Tribunal sejam respeitadas e consequentemente

tenham eficácia no cenário internacional. No entanto, em setembro de 2024, a Mongólia recebeu Putin sem cumprir o mandado de prisão no momento de seu desembarque, mantendo uma postura de neutralidade em relação ao conflito russo-ucraniano. No dia anterior à visita, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, destacou que a Rússia não estava preocupada com a adesão da Mongólia ao TPI. Um caso semelhante ocorreu em 2015, quando o ex-presidente do Sudão, Omar al-Bashir, esteve na África do Sul. Apesar do mandado de prisão contra ele por crimes contra a humanidade, de genocídio e de guerra, as autoridades sul-africanas não o prenderam. Essa falha resultou em um procedimento interno do TPI, que, apesar de reconhecer a violação, não impôs sanções à África do Sul.

Diante dos precedentes, evidencia-se um claro conflito entre o cumprimento de tratados internacionais e a soberania nacional. É importante destacar que o TPI não substitui o direito doméstico, mas o complementa, respeitando a autoridade de cada país. Porém, a falta de sanções para os países signatários que não respeitam as ordens do TPI compromete a eficácia da organização, sendo crucial garantir que os países signatários cumpram o Estatuto de Roma a fim de se preservar a integridade e a jurisdição do Tribunal.



- ▶ [Russia Is on a Slow Path to Bankruptcy, But How Slow?](#)  
WAR ON THE ROCKS, Pierre-Marie Meunier.
- ▶ [China in the Atlantic](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman.
- ▶ [Could the Gaza War Revitalize Nuclear Non-Proliferation in the Middle East?](#)  
THE NATIONAL INTEREST, Robert Mason.
- ▶ [Conflict, Hunger, and Famine in Sudan](#)  
CSIS, Zane Swanson, Anita Kirschenbaum e Caitlin Welsh.
- ▶ [Strategic Equilibrium: The United States' Manufacturing Resurgence and the Role of Natural Gas in a Carbon-Competitive World](#)  
CSIS, Jane Nakano and Joseph Majkut.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: Rafaela Machado

**SETEMBRO**

Principais eventos de 19 a 31

**20-21**



**REPÚBLICA TCHECA**  
ELEIÇÕES PARLAMENTARES

**22-24**



**ESTADOS UNIDOS**  
CÚPULA DO FUTURO

**25**



**ESTADOS UNIDOS**  
II ENCONTRO DE MINISTROS DE RELAÇÕES EXTERIORES DO G20

**30-11\***



**OTAN**  
EXERCÍCIO "RAMSTEIN FLAG" 24

\*de Setembro

**OUTUBRO**

Principais eventos de 01 a 11

**01**



**JAPÃO**  
ELEIÇÕES PARA PRIMEIRO-MINISTRO

**06-11**



**LAOS**  
44ª E 45ª CÚPULAS DA ASEAN

**06**



**TUNÍSIA**  
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

**09**



**MOÇAMBIQUE**  
ELEIÇÕES GERAIS

## REFERÊNCIAS

- **Poder em el mar: modernização da Marinha Argentina**  
MARY, Gonzalo. [Argentina busca mejorar la proyección de su Armada](#). InfoDefensa, 23 jul. 2024. Acesso em: 03 ago. 2024.  
[Pampa Azul: Programa para pesquisar o Mar Argentino](#). DefesaNet, 01 maio 2014. Acesso em: 03 ago. 2024.
- **A ascensão da influência chinesa na América Central: impactos e implicações geopolíticas**  
ELLIS, Evan. R. [China, Taiwan, and the Future of Guatemala](#). The Diplomat Asia, 17 jun. 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.  
ELLIS, Evan. R. [China's Advance in Central America and Its Strategic Importance](#), The Diplomat Asia, 08 maio 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.
- **“Peace Unity 2024” e a “diplomacia militar” do dragão na África Oriental**  
XUANZUN, Liu; YUANDAN, Guo. [PLA continues Peace Unity-2024 exercises in Africa](#). Global Times, 06 ago. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.  
NYABIAGE, Jevans. [China's drills with Tanzania and Mozambique show 'blended approach' to military diplomacy](#). South China Morning Post, 04 ago. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.
- **A revitalização do Estado Islâmico na Somália**  
[Ressurgimento do Estado Islâmico ameaça Somália](#). ADF MAGAZINE, 03 set. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.  
[Maioria dos ataques do grupo Estado Islâmico visam países africanos](#). ADF MAGAZINE, 16 jul. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.
- **Os desafios atuais da dissuasão nuclear britânica**  
[Replacing the UK's Nuclear Deterrent: Progress of the Dreadnought Class - House of Commons Library](#). UK Parliament, 02 ago. 2024. Acesso em: 13 set. 2024  
[The Royal Navy's Nuclear Submarine Nightmare Is Serious](#). The National Interest, 12 set. 2024. Acesso em: 13 set. 2024.
- **Eleições no mundo árabe: repressão e democracia andam juntas na Argélia?**  
[Algerian President Tebboune wins re-election with 94.65% of vote](#). Le Monde, 08 set. 2024. Acesso em: 13 set. 2024.  
[Algeria's Silenced Vote: The Struggle for Rule of Law in an Era of Repression](#). Italian Institute for International Political Studies, 04 set. 2024. Acesso em: 13 set. 2024.
- **As dimensões geopolíticas e estratégicas do “Ocean-2024”**  
[Ocean 2024 strategic command-and-staff exercise](#). President of Russia, 10 set. 2024. Acesso em: 14 set. 2024  
[Russia, China carry out live fire drills in Sea of Japan during Ocean-2024 exercise - Military & Defense - TASS](#). Russian News Agency, 12 set. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.
- **Implicações das manobras estratégicas norte-coreanas para a segurança regional**  
[Why Did North Korea Register – and Deregister – 13 Submarines With the IMO?](#). The Diplomat, 05 set. 2024. Acesso em: 13 set. 2024.  
[South Korea's defense chief calls for international solidarity against NK-Russia ties](#). The Korea Times, 12 set. 2024. Acesso em: 13 set. 2024.
- **A crise política em Bangladesh e seus impactos para o Sul da Ásia**  
[What does Sheikh Hasina's resignation mean for India-Bangladesh relations?](#). Al Jazeera, 12 ago. 2024. Acesso em: 15 ago. 2024.  
[Bangladesh: como estudantes derrubaram uma das mulheres mais poderosas da Ásia](#). BBC, 05 ago. 2024. Acesso em: 15 ago. 2024.
- **Sabina Shoal: O Novo Epicentro da Tensão Sino-Filipina**  
[A new flashpoint has emerged at Sabina Shoal in the South China Sea – and a new danger](#). The Guardian, 05 set. 2024. Acesso em: 12 set. 2024.  
[China, Philippines trade accusations after ships collide](#). VOA News, 12 set. 2024. Acesso em: 12 set. 2024.
- **Brasil e Chile na Antártica: diplomacia e meio ambiente na América Latina**  
[Países latino-americanos planejam ações coordenadas entre programas antárticos](#). Agência Marinha de Notícias, 03 set. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.  
Ministério das Relações Exteriores. [Declaração Conjunta dos Presidentes da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e da República do Chile](#). Ministério das Relações Exteriores, 05 ago. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.
- **O Pacta Sunt Servanda sob ameaça no Tribunal Penal Internacional**  
[Por que Mongólia não prende Putin, apesar de mandado do Tribunal Penal Internacional](#). BBC Brasil, 04 set. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.  
[Apesar de mandado de prisão do TPI, Putin inicia visita oficial à Mongólia](#). Brasil de Fato, 04 set. 2024. Acesso em: 14 set. 2024.

O mapa inicial (pág 06) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

## MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

### ► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [Jamaican soldiers and police arrive in Haiti to help fight gangs](#). **AP News**, 12 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Ballistic missile fired by Yemen's Houthis hits Israel sparking fire](#). **Al Jazeera**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Israel and the Coming Long War: To Defeat Iran's Resistance Axis, the IDF Needs a New Strategy—and a Unified Country](#). **Foreign Affairs**, 12 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Houthi missile reaches central Israel for first time, no injuries reported](#). **Reuters**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [“Injustice at its peak”: Wave of expulsions plagues Syrian refugees in Lebanon](#). **The National**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [EU naval mission attempts to salvage burning oil tanker in Red Sea](#). **Euronews**, 14 de set. 2024. Acesso em 16 set. 2024.
- MIANMAR - Conflito interno: [Engagements With the Myanmar Military Undermine Localized Approaches to Humanitarian Assistance](#). **The Diplomat**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Bringing the overlooked impact of DR Congo's displacement crisis into focus](#). **RFI**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Russian attacks kill two and injure dozens across Ukraine](#). **Euronews**, 16 de set. 2024. Acesso em 16 de set. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia faces new distraction from ISIS as it battles al-Shabaab](#). **Nation**, 12 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: [High-level mission to Sudan reaffirms WHO commitment, calls for urgent action to address and end the extreme health and humanitarian crisis](#). **World Health Organization**, 09 set. 2024. Acesso em: 16 ago. 2024.
- VENEZUELA - Crise sociopolítica: [Venezuela cita al embajador español en medio de tensiones](#). **DW**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

### ► MÉDIO RISCO:

- BANGLADESH - Instabilidade sociopolítica: [Bangladesh's deposed Primer Minister Sheikh Hasina faces fresh charges for attempt to murder](#). **The Times of India**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- BELARUS - Crise regional: [Latvia sets up surveillance towers to bolster border security with Belarus](#). **News.Az**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [UNICEF Burkina Faso Humanitarian Situation Report No. 6, July](#). **Relief Web**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• GUINÉ - Crise sociopolítica: [UFDG : Le congrès national du parti reporté sine-die](#). **AfricaGuinee**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set 2024.

• IRAQUE - Crise regional: [CENTCOM confirms ISIS leaders killed in raid partnered with Iraqi Security Forces in Western Iraq](#). **U.S. Central Command**, 13 de set. 2024. Acesso em: 16 de set. 2024.

• MALI - Crise sociopolítica: [Do not ignore Mali's multifaceted humanitarian catastrophe](#). **Al Jazeera**, 12 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines vows to maintain presence in contested South China Sea shoal](#). **Arab News**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• NÍGER - Crise sociopolítica: [Key Message Update: Flooding has increased the number of households facing Crisis \(IPC Phase 3\)](#). **ReliefWeb**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: HRW: [Abusos en el Darién obliga a mujeres y niñas a llevar anticonceptivos](#). **Noticia al Día**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• SÍRIA - Crise regional: [Israeli special forces raid missile site in Syria - US reports](#). **BBC**, 12 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

#### ► EM MONITORAMENTO:

• AFEGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Afghanistan's Hazara Community Needs Protection](#). **Human Rights Watch**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [Armenia, Azerbaijan agree upon 80% of peace treaty](#). **Tass**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024

• BOLÍVIA - Instabilidade sociopolítica: [Evo Morales confirmó la movilización hacia La Paz y Luis Arce declaró que el "bloqueo de caminos terminará con un intento de golpe"](#). **Nodal Am**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• COREIA DO NORTE - Instabilidade regional: [North Korea fires multiple short-range ballistic missiles](#). **Al Jazeera**, 12 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• COLÔMBIA: Instabilidade sociopolítica: [Colombia: Petro says there are plans to overthrow him in the next three months](#). **MercoPress**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Bukele sorprende con plan para presupuesto 2025 en El Salvador y anuncio sobre pandillas](#). **Bloomberg Línea**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Ecuador prison director shot dead as she drove with coworker, second such killing this month](#). **CBS News**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• ETIÓPIA - Instabilidade interna: [Ethiopia's endless constitutional chasm and authoritarian abyss](#). **Ethiopia Insight**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Oil boom in Guyana: The world takes notice of one of Latin America's smallest nations](#). **NZZ**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Moçambique: 70 pescadores raptados por insurgentes em Mocímboa da Praia](#). **VOA News**, 13 ago. 2024. Acesso em: 19 ago. 2024.

• NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [New UN Report Details Nicaragua's Ongoing Human Rights Crisis](#). **SCOOP**, 15 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• NIGÉRIA - Instabilidade interna: [More than 200 inmates escape Nigerian prison in aftermath of flooding](#). **The Guardian**, 16 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Police call off anti-militancy protest, say army will decrease presence in northwestern Pakistani district](#). **Arab News**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• SENEGAL - Instabilidade sociopolítica - **NOVO NO MAPA**: [Senegal's Faye dissolves parliament and sets elections for November](#). **Al Jazeera**, 13 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.

• TAIWAN - Disputas regionais: [China condemns German navy's transit of Taiwan Strait](#). **Nikkei Asia**, 14 set. 2024. Acesso em: 16 set. 2024.